



ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DAS OFICINAS DA UNIVERSIDADE POPULAR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS (UPMS)

NOTA: *Esta versão das Orientações Metodológicas reúne os contributos de todos os participantes da UPMS desde que a ideia foi lançada no FSM de 2003. Em especial, deve-se ao contributo das organizações integrantes da secretaria técnica, de todos os participantes nas oficinas da UPMS realizadas em Córdoba (Argentina), Medellín (Colômbia), Belo Horizonte (Brasil), Porto Alegre (Brasil) e Aldeia Velha, Casimiro de Abreu (Brasil) (no âmbito da Cúpula dos Povos 2012), e dos participantes nas reuniões sobre a UPMS realizadas em Caracas (Venezuela), Roma (Itália), Utrecht (Holanda), Mumbai (Índia), Amsterdão (Holanda), Nairobi (Kenya), Dakar (Senegal). Foi preparada pelos grupos de trabalho criados no Forum Social Temático de 2012 (Porto Alegre) nomeadamente pela Comissão Coordenadora (“Mesa de 28 de Janeiro 2012”) e pela Comissão da Carta e da Metodologia.*

1) SOBRE A UPMS – BREVE HISTÓRICO

No desenvolvimento do Fórum Social Mundial (FSM) algumas organizações dos movimentos sociais, organizações não governamentais (ong's), sindicatos e intelectuais concluíram que *não será possível alcançar a justiça social global sem uma justiça cognitiva global*. Nesse contexto, começou a ser gerada a ideia de constituição da UPMS a qual foi amadurecendo com as seguidas edições do Fórum. Durante o Fórum Social Mundial de 2003 é lançada a *Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS)* por uma democracia cognitiva global.

A *Universidade Popular dos Movimentos Sociais* é um espaço de formação intercultural que promove um processo de interconhecimento e autoeducação com o duplo objetivo de aumentar o conhecimento recíproco entre os movimentos e organizações e tornar possíveis coligações entre eles e ações coletivas conjuntas. Constitui um espaço aberto para o aprofundamento da reflexão, do debate democrático de ideias, da formulação de propostas, da troca livre de experiências e da articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos sociais locais, nacionais e globais que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo.



O público-alvo da UPMS é composto por ativistas e dirigentes dos movimentos sociais, membros de ong's, sindicalistas bem como cientistas sociais, investigadores e artistas empenhados na transformação social progressista.

Neste domínio a UPMS parte de três premissas:

- de que, com o FSM, se tornou claro que os diferentes movimentos devem articular-se para organizar ações coletivas eficazes;

- de que tal articulação é muitas vezes difícil devido a haver muito desconhecimento recíproco entre os movimentos. Esse desconhecimento é por vezes alimentado por preconceitos (por exemplo, entre movimentos camponeses e movimentos urbanos; entre movimentos de mulheres e movimentos indígenas; entre movimentos operários e movimentos ecológicos);

- de que quando há divergências reais é importante poder discuti-las para saber até onde é possível caminhar juntos.

Até então, realizaram-se oficinas locais da UPMS em Córdoba (Argentina) - 2007, Medellín (Colômbia) - 2007, Belo Horizonte – 2009, Porto Alegre - 2010 (Brasil), e 3 oficinas continentais “latino-americanas” no âmbito do Fórum Social Temático “Justiça Social e Justiça Ambiental” em Porto Alegre - 2012 . A memória e relatos das oficinas podem ser consultados na página <http://www.universidadepopular.org> que vem sendo o espaço de socialização das experiências realizadas.

2) CONCEITOS E METODOLOGIA

Diretrizes conceituais:

A formação pretendida pela UPMS é dupla. Por um lado, promover a aprendizagem de ativistas e líderes comunitários, dos movimentos e organizações sociais, potencializando a discussão sobre quadros analíticos, teóricos, históricos e comparativos que lhes permitam aprofundar a compreensão reflexiva da sua prática – dos seus métodos e dos seus objetivos. Por outro lado, promover a aprendizagem de cientistas sociais, intelectuais e artistas comprometidos com os movimentos e organizações sociais, dando-lhes a oportunidade e criando-lhes a exigência de orientarem os seus estudos para os temas e problemas considerados mais relevantes ou urgentes pelos movimentos e organizações.

Nesta dupla aprendizagem reside a novidade da UPMS. Para prosseguir-la, a



UPMS supera a distinção convencional entre ensino e aprendizagem – assente na distinção entre educadores e educandos – e cria contextos e momentos de aprendizagem recíproca. A constatação de ignorâncias recíprocas é o seu ponto de partida. O seu ponto de chegada é a produção partilhada de conhecimentos tão globais quanto os processos de globalização e tão diversos quanto somos todos quantos lutam contra a globalização neoliberal, o capitalismo e a dominação e opressão.

A UPMS não é uma escola de formação de quadros ou dirigentes de organizações e movimentos sociais. Embora a UPMS esteja claramente orientada para a ação de transformação social, o seu objetivo não é proporcionar os tipos de competências e de instrução habitualmente oferecidas pelas experiências já conhecidas de universidades populares.

À luz desta perspectiva a UPMS visa a:

- aprofundar a compreensão recíproca entre movimentos/organizações políticas sociais;
- criar níveis de confiança recíproca entre movimentos/organizações diferentes que tornem possíveis ações políticas conjuntas que implicam investir recursos e assumir riscos por parte dos diferentes movimentos/organizações envolvidos.
- conceber e promover ações políticas coletivas assentes em relações de responsabilidade partilhadas e no respeito da identidade política e cultural dos diferentes movimentos/organizações envolvidos.

Diretrizes metodológicas:

A UPMS funciona através de uma rede de interações orientada para promover o conhecimento e a valorização crítica da enorme diversidade dos saberes e práticas protagonizados pelos diferentes movimentos e organizações. Sua essência está no seu caráter inter-temático, forjado através da promoção de reflexões e articulações entre diferentes movimentos como os feministas, operários, indígenas, quilombolas, estudantis, negros, LGBT, ecológicos etc.

A metodologia orientadora da UPMS parte de uma longa tradição de educação popular onde o nome de Paulo Freire é uma referência para todos. E é enriquecida com duas propostas de Boaventura de Sousa Santos:

- A tradução intercultural e interpolítica: reconhece a existência de muitos conhecimentos possíveis que precisam ser visibilizados de modo a contribuir para formas híbridas de conhecimento emancipatório. A proposta do trabalho de tradução é condicionar a dinâmica intercultural e política para tornar visíveis não só as múltiplas formas de resistências à opressão e dominação como também as aspirações que as animam, contribuindo para fazê-las dialogar entre si.

- A ecologia de saberes: consiste em um processo de revalorização da diversidade de saberes e práticas existentes no mundo que são invisibilizados ou tornados ausentes pelo conhecimento monocultural moderno ocidental. A ecologia de saberes é uma atitude que transcende a lógica dominante de produção do conhecimento e compreende um processo pedagógico de produção do conhecimento que vise combinação e enriquecimento mútuo de conhecimentos nascidos na luta e conhecimentos acadêmicos solidários.

A UPMS não é uma invenção e sim a afirmação de um processo pedagógico orientado pelos princípios da Educação Popular que colocam o saber popular no centro mesmo da construção do projeto político alternativo, reconhecendo assim, a vida cotidiana e a experiência como espaços de construção da nova hegemonia.

Partindo destes preceitos, a UPMS consiste em:

- Levar ainda mais longe a eliminação da distinção entre educadores e educandos dado que todos os participantes são portadores em pé de igualdade de conhecimentos válidos;

- Ter uma vocação política vincada dado que ocorre entre participantes politicamente organizados em movimentos e associações;

- Ter uma vocação para promover ações coletivas em que participam movimentos com agendas relativamente diferentes (a política intermovimentos).

Procedimento metodológico

As oficinas da UPMS devem potencializar uma troca de saberes alternando períodos de discussão, períodos de estudo e de reflexão¹ e períodos de lazer. Para tanto, propõe-se que cada oficina decorra em dois dias e que os participantes

¹ Os materiais de estudo podem ser dos mais variados tipos: narrativas orais e documentação apresentada pelos movimentos e organizações, textos teóricos e analíticos propostos pelos intelectuais militantes, peças de teatro (por exemplo, a metodologia do Teatro do Oprimido proposta por Augusto Boal), etc.



permaneçam em regime residencial, ou seja, que fiquem hospedados no mesmo local, realizem as refeições juntos e partilhem momentos de lazer e de convívio.

O debate e discussão de cada oficina da UPMS devem seguir em torno de um tema central. A composição das oficinas compreende entre 30 e 50 participantes convidados pelos organizadores/facilitadores da oficina, seguindo, com flexibilidade, a regra de um terço constituído por intelectuais militantes (“aquele que participa e partilha do projeto social e político de seu campo de estudo”) ou artistas comprometidos com os movimentos sociais e dois terços constituídos por ativistas/dirigentes de movimentos sociais/Ongs, sendo que devem estar representados movimentos/organizações ativos em pelo menos três áreas temáticas de luta articuladas ao tema central. O objetivo é precisamente confrontar diferentes perspectivas sobre o mesmo tema.

É de suma importância que a dinâmica de construção pedagógica das oficinas UPMS privilegie uma relação horizontal entre todos os participantes - inclusive os facilitadores - dinamizada por métodos diferenciados, participativos e com recurso às diversas linguagens comuns aos próprios movimentos. Ou seja, é preciso trazer para dentro da dinâmica pedagógica os aprendizados e experiências vivenciadas na prática cotidiana.

No entanto, para as oficinas da UPMS acontecerem de forma satisfatória é preciso considerar a metodologia da UPMS, tendo em vista os diferentes momentos. Para além dos momentos que marcam o decurso das oficinas, há os momentos que precedem e sucedem as oficinas. Todos estes momentos estão estreitamente interligados e todos são igualmente importantes.

O primeiro momento está vinculado à **articulação e mobilização prévia** – momento de identificar os sujeitos em potencial e despertar neles o interesse em participar do processo. Os sujeitos aqui mencionados dizem respeito tanto aos que possuem interesse em participar das atividades em si, como aos sujeitos parceiros que além de participar das atividades podem contribuir materialmente para viabilização da proposta;

Assim, neste momento que precede a oficina, os facilitadores devem ter duas preocupações:

a) Captação de recursos para garantir despesas de hospedagem, alimentação, transporte e logística para a realização da oficina. Para captar recursos é preciso traçar estratégias e, dentre elas, é fundamental que se faça um projeto explicitando a

finalidade da oficina, a relevância política, o processo metodológico/pedagógico e a proposta orçamentária bem detalhada.²

b) Mobilização dos participantes da oficina. Este momento exige atenção e muito trabalho, pois é o momento de sensibilizar os pares e despertar neles interesse em participar da oficina. Para a mobilização é necessário identificar os sujeitos políticos que dialogam com o tema central e estabelecer alguns critérios de escolha dos convidados (além dos critérios de composição já sinalizado anteriormente) que leve em consideração distribuição de raça, gênero, idade, diversidade sexual, localidade, etc., a fim de que se tenha um conjunto de participantes bastante diversificado. Os facilitadores de cada oficina são livres para elaborar e conduzir os respectivos métodos de seleção, precisam preservar a transparência do processo bem como o equilíbrio entre os diferentes saberes.

O segundo momento consiste na **realização da oficina em si**. O grupo de facilitadores precisa garantir momentos prévios de discussão da metodologia a fim de concretizar uma proposta de programação que seja resultado do processo coletivo. Aqui também precisa definir como se dará o processo de sistematização e quem serão as pessoas responsáveis por este processo – conforme item (logo abaixo) “sobre os preparativos”.

Por fim, neste momento, os facilitadores precisam se debruçar sobre textos e materiais de sistematização oriundos de outras oficinas – é possível encontrar este material no site da UPMS – bem como sobre algumas orientações elaboradas pelos proponentes da UPMS.

Ao considerar o indicativo de trabalhar a oficina em dois dias, a proposta é que o primeiro dia seja de encontro, ou seja, as pessoas devem se conhecer melhor, conhecer as diferentes bandeiras de luta e identificar os temas mais relevantes e urgentes que devem ser debatidos em momento posterior. Recomenda-se que antes do início dos trabalhos haja um momento de animação, integração e reflexão. Este momento é muito frequente nas actividades dos movimentos sociais. Os movimentos sociais latino-americanos chamam-lhe a “mística inicial”.

À noite é de suma importância reservar umas horas de bom convívio e confraternização – como já dito, os momentos de trabalho e os momentos de lazer são igualmente importantes e todos devem participar em todos.

² Neste processo de relação e interlocução com os possíveis patrocinadores da UPMS é preciso esclarecer que a condição de financiador não dá poder de coordenar ou decidir sobre a metodologia e construção da UPMS. Os patrocinadores serão convidados a se juntar aos proponentes e facilitadores num processo de construção coletiva.



O segundo dia deve dar lugar ao aprofundamento da discussão e encaminhamentos, ou seja, definir possíveis articulações futuras entre os movimentos/associações/organizações presentes.

Primeiro Dia

Instante 1. O que é a UPMS?

Os facilitadores devem explicar a proposta da UPMS, explicitar o processo de organização daquela oficina até então e conduzir, junto aos demais participantes, um acordo de convivência durante os dias da oficina, sobretudo que pode haver pessoas que não falam a mesma língua e é preciso garantir a comunicação.

Neste primeiro momento é importante definir coletivamente, entre os participantes, quem serão os responsáveis para contribuir no processo de sistematização, relatoria e memória da oficina. Caso, os “sistemizadores” tenham sido definidos previamente, é pertinente que os mesmos sejam apresentados como tal para o coletivo participante da oficina logo no início da mesma. Desta forma, evita-se possíveis estranhamentos referentes a anotações, filmagens e fotografias (maiores informações sobre o processo de sistematização ver item “Sobre a Memória”). É importante averiguar se alguém tem objeção a ser filmado ou fotografado.

Instante 2. Quem somos?

Cada movimento/organização e intelectual militante faz a sua apresentação: posições e ideais, objetivos, organização, práticas de intervenção social e política. Pode também pedir esclarecimentos e identificar brevemente as expectativas que têm sobre a oficina: objetivos, reservas, dúvidas, graus de envolvimento.

Instante 3. Quais são os nossos melhores êxitos? Quais são os nossos maiores limites e desafios?

Cada movimento deve começar por contextualizar a sua luta no seu país ou região e seguidamente identificar as intervenções/campanhas/ações em que considera ter tido mais êxito e aquelas em que fracassou ou teve mais dificuldades em realizar. Deve especificamente identificar quem são os principais inimigos ou adversários das suas lutas e quem são os principais aliados reais ou potenciais.

Independente do método utilizado para a condução da reflexão é significativo que se produza um debate onde os participantes possam ponderar: sobre o que foi identificado como êxito, como fracasso, como limites e dificuldades do processo; sobre explicações e avaliações alternativas para os resultados obtidos; sobre o que podia ter sido feito para evitar as dificuldades e sobre quais são os maiores desafios para o futuro.

Instante 4. *Quais os temas que são mais urgentes debater?*

O debate anterior orientou para algumas reflexões que sinalizaram para temas que precisam ser aprofundados. Os facilitadores devem orientar esta reflexão. Neste sentido, é preciso identificar:

- os temas que emergiram;
- os temas que estiveram ausentes e que, em princípio, deviam ser considerados relevantes.

Instante 5. *Jantar - Convívio - Confraternização.*

Segundo Dia

Instante 6. *O que nos une e o que nos separa?*

Tendo em vista os temas definidos no dia anterior, deve realizar-se um longo período de debate sobre as divergências e as convergências identificadas entre as posições e opções, os modelos de organização e de intervenção, as práticas e os discursos dos movimentos/organizações. Este debate pode incidir especificamente sobre as seguintes questões (entre outras):

a - Quais as principais divergências e convergências de pontos de vista e perspectivas contextuais?

b - Quais as diferenças de fundo e quais as diferenças de linguagem? Quais os conceitos mais importantes para caracterizar a nossa ação e nossa luta e porquê os preferimos a outros conceitos alternativos?

c - Quais as diferenças e afinidades organizativas entre os movimentos/organizações presentes?

d - Quais as diferenças e afinidades nos modelos e práticas de intervenção e de ativismo?

e - Quais as diferenças ideológicas, de perspectivas e intervenção ultrapassáveis e as não ultrapassáveis?

f - Que complementaridades podem ser identificadas?

g - Que experiências temos tido de colaboração com outros movimentos/ organizações? Que balanço?

Para a identificação das principais convergências e divergências, faz-se uma sugestão para que os facilitadores organizem algumas questões geradoras considerando um roteiro específico que diz respeito a questões suscitadas pelos temas centrais da oficina e um roteiro geral³ que diz respeito ao perfil, objetivos e aos condicionamentos gerais das lutas sociais. Esta é uma proposta de método para provocar o debate que pode ser utilizada ou não, dependendo do tempo disponível na realização do segundo dia da oficina. Mas vale salientar a importância do facilitadores fazerem o exercício de elencar algumas questões para a discussão, a fim de organizar uma linha de reflexão.

Instante 7. O que podemos aprender uns com os outros e fazer juntos?

Já caracterizando um processo de avaliação, os participantes identificam o que de mais significativo aprenderam, quer em termos das opções políticas, epistemológicas, organizativas e de intervenção que devem ser evitadas por estarem equivocadas, quer em termos das opções que, por serem as mais viáveis, devem ser

³ A título de exemplo, o roteiro geral pode incluir temas/questões como estas que podem ser introduzidas no debate quando adequado:

- É útil imaginar uma sociedade pós-capitalista e lutar por ela ou devemos centrar-nos na criação de uma sociedade capitalista mais justa?
- Qual o papel do Estado nas nossas lutas? É sempre inimigo ou sempre aliado ou em que condições pode ser uma coisa ou outra?
- Qual a nossa posição perante o mercado? É sempre inimigo ou sempre aliado ou em que condições pode ser uma coisa ou outra?
- Há prioridades ou hierarquias entre lutas contra a desigualdade económica, contra a discriminação sexual, étnica, racial, contra a degradação ambiental, contra a opressão cultural?
- As acções directas legais ou ilegais são mais ou menos eficazes que as acções institucionais? Em que condições faria sentido o recurso aos tribunais para sustentar reivindicações?
- As lutas locais ou nacionais são mais ou menos importantes que as globais? Quais os obstáculos às alianças internacionais, continentais?
- Que tipo de relações devem ser mantidas entre movimentos/ organizações do Sul e movimentos /organizações do Norte? Até onde são possíveis alianças? Como enfrentar o problema da dependência financeira?
- Qual a importância do Fórum Social Mundial? Qual o seu futuro?
- Como combater a criminalização do protesto social que se está a intensificar em diferentes países, por vezes com recurso à nova geração de legislação antiterrorista?
- Como utilizar os media?

adotadas ou tomadas em conta para melhorar a organização e a prática do respectivo movimento/organização.

Nesta fase da reunião, os participantes, em diálogo aberto, imaginam e propõem ações, intervenções, lutas, campanhas que poderiam ser levadas a cabo conjuntamente com todos os movimentos/organizações ou com algum deles. Dentre as propostas de ações conjuntas, podem ser selecionadas as que conquistarem mais consenso em termos ideológicos, organizacionais e práticos.

Instante 8. *Quem faltou aqui?*

Os participantes identificam os movimentos/ organizações e intelectuais que estiveram ausentes e cujo contributo poderia ter sido importante para levar a cabo as ações colectivas decididas. As ausências serão anotadas para que possam ser supridas em próximas oficinas.

Instante 9. *Quais nossas deliberações? Como o vamos fazer? e que opinião temos sobre o futuro da UPMS?*

Neste momento é preciso privilegiar um tempo final para organizar os encaminhamentos e contribuir para a continuidade da UPMS.

Instante 10. Momento (“mística”) *de encerramento.*

Algumas considerações sobre os preparativos das oficinas UPMS:

- Visitar o lugar onde será realizada a oficina e preparar a sala para que seja possível e fácil a interação face a face entre todos os participantes. Será bom se houver um lanche simples nos intervalos;

- Verificar as condições de reprodução de vídeo nas sessões.

- Identificar a equipe que ficará responsável pelo processo de sistematização da oficina. Os produtos da sistematização devem ser aprovados por todos os participantes antes de serem vinculados à página da UPMS. Discutir os termos dos produtos de sistematização, quais os produtos e definir o prazo para a elaboração.

- Pensar uma proposta para o convívio e confraternização do primeiro dia e aprovar tal proposta logo no início da oficina – no acordo de convivência.



- Identificar pessoas que possam se responsabilizar pelo processo de integração, animação e mística.

- Se houver participação de pessoas que falam línguas diferentes, identificar a disponibilidade de algumas pessoas para auxiliarem na tradução sequencial.

- É necessário organizar lista de presença que devem ser assinadas pelos participantes das oficinas durante todos os dias de realização da oficina de maneira a manter a comunicação entre os participantes.

- É preciso disponibilizar um certificado que contenha data, local, horas trabalhadas e tema de discussão da oficina. O certificado deve ser assinado pelos proponentes, facilitadores ou organizadores da oficina.

4) Participação na rede e continuidade da UPMS:

O último momento é o processo de prestação de contas e organização da sistematização. Aqui os facilitadores precisam se organizar para criar mecanismos de prestação de contas para os apoiadores da UPMS, bem como dedicar tempo para organizar e finalizar o ou os produtos da sistematização.

Todos estes documentos digitais, desde projeto para a captação de recursos, ofícios interlocutores até os produtos da sistematização devem ser encaminhados para o grupo encarregado da página web: upms.mail@gmail.com, a fim de que os resultados mais importantes sejam disponibilizados no site. Todos os materiais (documentos, fotografias, filmagens, anotações manuscritas durante as oficinas) serão arquivados no memorial da UPMS que está sediado junto ao Memorial do Fórum Social Mundial situado em Porto Alegre/ Rio Grande do Sul/ Brasil⁴.

.Sobre o papel dos facilitadores:

- Os facilitadores precisam se preocupar em assegurar que a distribuição dos tempos de fala seja equilibrada. Como os intelectuais-militantes estão, em princípio, mais habituados a falar ou têm mais facilidade de expressão é preciso ter cuidado,

⁴ Os espaços do FSM e da UPMS ficam no subsolo do prédio intitulado **Memorial do Rio Grande do Sul** localizado na Rua Sete de Setembro, 1020 - Praça da Alfândega - Centro Histórico - Porto Alegre - RS - CEP: 90010-191.

para que todos tenham o mesmo direito de voz e vez. De toda forma, é necessário salientar que o exercício da escuta é um elemento significativo do diálogo.

- Estar atentos para identificar os temas que mais preocupam os participantes ou sobre os quais gostariam mais de debater. Mediante uma sociologia das ausências⁵, os facilitadores, em colaboração com os demais participantes, podem também identificar temas potencialmente generativos mas que, por qualquer razão, não afloraram nos debates.

Sobre a Memória:

- A sistematização e registro da memória implica em tomar notas, gravação de áudio, fotografar, filmar, guardar os materiais produzidos na oficina como cartazes, e outras formas de linguagem, etc.

- Para as filmagens, a sugestão é que mesmo que os proponentes da oficina contratem serviço profissional para realizar a gravação é conveniente que um, entre os sistematizadores, fique responsável pelo registro audiovisual da oficina com uma câmera digital simples (gravação com média ou baixa resolução para evitar arquivos muito pesados). É importante que todos os processos que ocorrem durante a oficina sejam filmados a fim de guardar na memória da UPMS os posicionamentos dos participantes, a metodologia e método utilizados, os momentos de conflitos e tensões, enfim, o conjunto de elementos que permitam um processo reflexivo ao término da oficina.

- Com relação ao relatório final – o relatório é um documento importante para todos os envolvidos com a oficina realizada e é importante que este relatório seja detalhado se constituindo como uma “ferramenta” estratégica para os movimentos sociais e um documento para arquivo e memória da UPMS. No entanto, o detalhamento do relatório pode expor os movimentos sociais e seus representantes, por isso sugere-se a elaboração de dois documentos distintos e diretamente relacionados:

⁵ A sociologia das ausências visa demonstrar que o que não existe é, na realidade, ativamente produzido como não-existente, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe. O objetivo da sociologia das ausências é transformar as ausências em presenças. Há produção de não-existência sempre que determinada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de modo irreversível. O que unifica as diferentes lógicas da produção da não-existência é serem todas elas manifestações de uma racionalidade monocultural.



1) Relatório completo (formato digital), detalhado e disponível para os participantes das oficinas e para o arquivo da Memória UPMS;

2) Relatório sintético, contendo apenas, participantes, programação, fotos e principais resultados para ser exposto no site e disponibilizado para todos.

.



ANEXO 1 - Modelo de lista de presenças

**LISTA DE PRESENÇA DOS PARTICIPANTES DA OFICINA (NOME DA OFICINA) – UPMS
(Local)**

Data:

Turno:

	NOME	ENTIDADE/ MOVIMENTO	PAÍS	CPF/ PASSAPORTE	Contato e-mail	Assinatura
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						



ANEXO 2 – Modelo de certificado



UNIVERSIDADE POPULAR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

|

CERTIFICADO

Certificamos que _____, participou da Oficina **tema que configura a oficina** da Universidade Popular dos Movimentos Sociais realizada nos dias ?? e ?? de **mês** de **ano** na **Local da Oficina** na Cidade ????????, no âmbito do **evento em que está inscrita a oficina (se for o caso)**.

Cidade, dia de mês de ano.

Assinatura Comissão Ampliada UPMS Assinatura do proponente da oficina Assinatura Coordenador/facilitador

REALIZAÇÃO E APOIO (abaixo logo dos apoiadores, financiadores e realizadores a exemplo do Alice)

